

Características do campo da psicologia analítica e estratégias de revisão bibliográfica

Carlos Augusto Serbena

RESUMO

A psicologia analítica (PA) apresenta direcionamento para a prática clínica, com publicação principalmente em livros e pouca presença na academia, o que dificulta a revisão bibliográfica na pesquisa. Assim, objetiva-se sugerir formas e estratégias adequadas ao processo de revisão bibliográfica em PA a partir da caracterização do seu campo. Sugere-se inicialmente realizar mapeamento teórico, correspondendo aproximadamente a uma revisão de escopo ou mapeamento teórico da temática de pesquisa no campo da PA. Trata-se de espécie de "varredura" em diferentes formas de publicação e fontes tais como livros, periódicos, obras de C. G. Jung e teses. Posteriormente, uma segunda etapa que se relaciona com os modelos de estado da arte e revisão sistemática, pois esta analisa e sintetiza evidências e teorias no campo e aquela procura explicitar as questões atuais no campo e prementes. Os passos para as etapas são semelhantes: (i) pergunta norteadora, (ii) busca na literatura ampla, (iii) coleta e seleção, (iv) análise crítica, (v) discussão e (vi) integração ou descrição do mapeamento. Salienta-se que revisão bibliográfica é essencial para reflexão teórica e científica, sendo essencial para a criatividade da reflexão crítica e ampliação do pensamento junguiano.

Palavras-chave: psicologia analítica, revisão bibliográfica, metodologia, pesquisa.

ABSTRACT

Título: Characteristics of the field of analytical psychology and bibliographical review strategies

Analytical psychology (AP) is primarily focused on clinical practice, with publications mainly in books and limited academic presence, hindering bibliographical review in research. Therefore, this study aims to suggest appropriate methods and strategies for the bibliographical review process in AP, starting with a characterization of the AP field. Initially, a theoretical mapping is suggested, roughly corresponding to a scoping review or theoretical mapping of the research topic within the AP field. This involves a kind of "sweep" of different forms of publication and sources such as books, journals, works by C. G. Jung, and theses. The second stage relates to the state-of-the-art and systematic review models, as the latter analyzes and synthesizes evidence and theories in the field, while the former seeks to clarify current and pressing issues in the field. The steps for both stages are similar: (i) guiding question, (ii) search in the broad literature, (iii) collection and selection, (iv) critical analysis, (v) discussion, and (vi) integration or description of the mapping. It is worth noting that a literature review is essential for theoretical and scientific reflection, being crucial for the creativity of critical thinking and the expansion of Jungian thought.

Keywords: analytical psychology, literature review, methodology, research.

Sobre o Autor

C. A. S.
orcid.org/0000-0001-5568-839X
Universidade Federal do Paraná
(UFPR) - Curitiba, PR
caserbena@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Em 1909, a Clark University convidou S. Freud e C. G. Jung para realizar conferências nos Estados Unidos sobre os seus trabalhos: psicanálise para o primeiro e, para Jung, os estudos sobre associações realizados em um laboratório de psicopatologia experimental (Jung, 1987, p. 112). Nesta época, enquanto Jung ocupava um cargo acadêmico, a psicanálise estava no processo de inserção na academia. No decorrer do tempo, esta situação alterou-se significativamente. Atualmente, no Brasil, ocorre uma forte presença da psicanálise nas instituições acadêmicas e na produção científica; nas quais também apresenta-se uma pequena inserção da psicologia analítica (PA) oriunda de C. G. Jung. Segundo um levantamento de 2013, apenas 1% das teses e dissertações em psicologia envolvem a psicologia analítica (Serbena, 2013).

Entretanto, há uma robusta presença dela no campo profissional e de formação em psicologia. Em 2022 existiam no Brasil, segundo Lima e Freitas (2023), 101 cursos de pós-graduação lato sensu na área, mais de 2438 grupos de estudo, 509 cursos de formação e, em oferta, mais de 8234 minicursos e workshops relacionados a psicologia analítica. Isto indica uma predominância do campo na área da psicoterapia clínica e da saúde mental, mas sem uma presença equivalente no campo da produção científica institucionalizada: programas de pós-graduação strictu sensu e periódicos científicos. Isto fica nítido ao confrontarem-se presença e quantidade de artigos da psicanálise com os da psicologia analítica. Uma breve consulta ao banco de publicações da *Scielo* com os termos "psicanálise", "Freud", "psicologia analítica" e "C. G. Jung" mostra, respectivamente, 2132, 761, 122 e 14 resultados.

Um dos motivos da pequena presença da PA na academia pode ser devido ao fato de que C. G. Jung nunca estabeleceu claramente uma doutrina ou sistema teórico, pois seu propósito era construir uma psicologia geral e não uma abordagem específica de psicoterapia (Shamdasani, 2005). Na concepção dele, a psique não poderia ser compartimentalizada como nas disciplinas especializadas da ciência. Por consequência, em termos descritivos, "seria mais preciso, hoje, falar de um arquipélago de psicologias júnguianas díspares, que basicamente pouco têm a ver umas com as outras ou, inclusive, até com Jung" (Shamdasani, 2005, p. 27).

Entretanto, há um incremento da presença da PA na academia com várias reflexões e publicações sobre os fundamentos epistemológicos da psicologia analítica (Padua & Serbena, 2018; Penna, 2024; Wahba, 2019), e sobre seus processos de pesquisa e metodologia (Penna, 2005, 2007, 2024; Vechi, 2018). Apesar disto, há uma carência de textos de psicologia analítica em periódicos acadêmicos, e um dos motivos levantados é o viés fundamentalmente clínico da PA. Esta característica leva à produção de textos que, apesar de

relevantes, estão fora das normas acadêmicas, da estrutura e das etapas da pesquisa científica.

Uma das etapas fundamentais da pesquisa e da escrita acadêmica é a revisão bibliográfica, normalmente baseada em artigos acadêmicos. Entretanto, no campo da PA isto não ocorre normalmente e, conseqüentemente, há prejuízo na pesquisa e na produção acadêmica circunscrita. Algumas especificidades das publicações na PA o caracterizam e, deste modo, o processo de realização da revisão bibliográfica enseja algumas modificações em relação as revisões sistemáticas para ser bem-sucedido. Assim, o objetivo deste trabalho é propor estratégias e procedimentos de revisão bibliográfica adequados ao campo da psicologia analítica no Brasil.

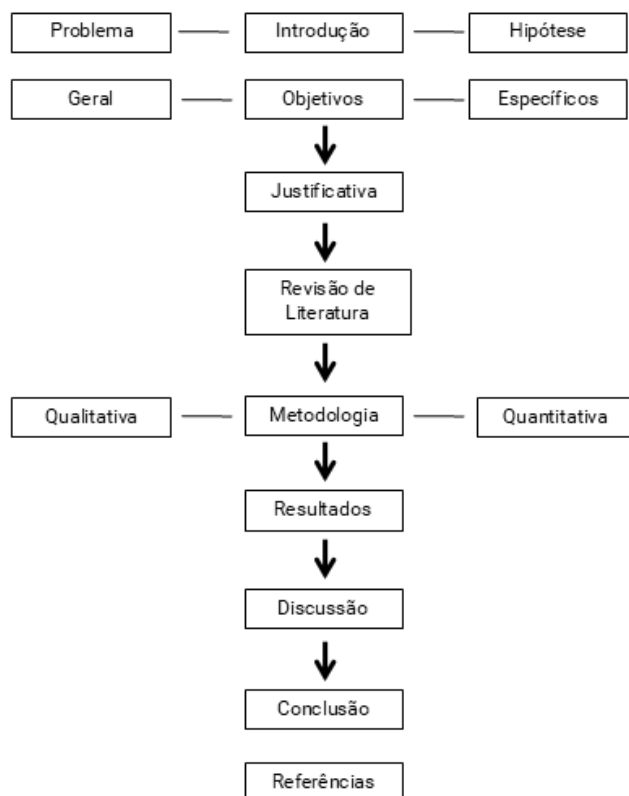
Observa-se, ainda, que a disseminação da internet e das bases de dados online ampliou o acesso às teses, dissertações e artigos científicos para os mais diversos públicos. Entretanto, as teses e dissertações são muito pouco lidas, dado o seu volume que facilmente ultrapassa 100 páginas (Nassi-Calò, 2016). Uma proposta alternativa para incrementar a consulta aos trabalhos e seu alcance é a elaboração da dissertação ou tese no modelo denominado de escandinavo. Ou seja, capítulos na forma de artigos e com vistas para a maior publicização do conhecimento, para a resposta às exigências de publicação e para uma revisão adequada ao campo: "de qualquer forma, defensores ou não do formato alternativo concordam que artigos são mais lidos e citados, e teses que permanecem apenas nas prateleiras das bibliotecas e não são lidas ou não tem razão de ser" (Nassi-Calò, 2016, para. 11).

De forma geral, a estrutura de uma tese, monografia ou trabalho de pesquisa segue um padrão composto, ilustrado na Figura 1, de (1) introdução, (2) justificativa, (3) objetivos, (4) hipóteses, (5) fundamentos teóricos com revisão de literatura, (6) metodologia para procedimentos de coleta e análise de dados, (7) resultados, (8) discussão e (9) conclusão com considerações finais. Esta estrutura se relaciona com os problemas de pesquisa e as diferentes metodologias qualitativas e quantitativas.

A revisão de literatura é também denominada de levantamento bibliográfico, pesquisa teórica, fundamentos teóricos, entre outros. Todos esses possuem como objetivos, introduzir e situar, leitor e pesquisador no tema da pesquisa; possibilitando reflexões e comparações com outros trabalhos na temática. Assim, apresentam teorias, abordagens e métodos similares e relevantes para a pesquisa; inclusive atualizando o pesquisador e os leitores sobre os conteúdos mais recentes e em destaque (Praça, 2015). Com ênfase nesse aspecto, tais itens podem ser denominados de estado de arte do campo. E ao oferecerem um relevante subsídio para a formação do âmbito conceitual e empírico de uma disciplina, assinalam as limitações presentes no domínio da investigação selecionada, expõem de modo expressivo as

ausências ou lacunas existentes na esfera de atuação do campo apresentado e, deste modo, “podem conduzir à compreensão do estado atingido pelo conhecimento sobre o determinado tema, sua amplitude, as tendências teóricas e suas vertentes metodológicas” (Praça, 2015, p. 81).

Figura 1. Estruturação de um projeto de pesquisa



Nota. Retirado de Praça (2015, p. 77).

Para alcançar tal resultado uma série de estratégias são utilizadas, normalmente a consulta às bases de dados online e aos periódicos mais recentes; com critérios para seleção de textos, material relevante e possibilidade de replicação. Essas estratégias são sistematizadas e padronizadas, implicando em diferentes modelos de revisão sistemática de literatura; os quais devem permitir a avaliação da integralidade desta busca (Software Engineering Group & Department of Computer Science, 2007). Segundo esse relatório, a sistematização apresenta as seguintes vantagens: (i) diminui a probabilidade que os resultados da busca sejam tendenciosos, (ii) podem fornecer conhecimentos e dados sobre o fenômeno em outros contextos e resultados com metodologias diversas e (iii) em estudos quantitativos os resultados e dados podem ser agregados e combinados a outros estudos por meio de técnicas meta-analíticas.

As revisões sistemáticas possuem característica que as diferenciam de uma revisão convencional. Elas possuem um

protocolo de revisão especificando claramente a questão da pesquisa e os métodos a serem utilizados, com uma estratégia definida que objetiva identificar a maior quantidade de material relevante. Todo este processo deve ser documentado para ser possível avaliar o seu rigor, alcance e possível replicação. Neste sentido, os critérios de exclusão e inclusão dos textos são explícitos e claramente definidos. Também está presente especificação das informações a serem obtidas nos estudos selecionados e os critérios de qualidade destes estudos.

Entretanto toda revisão de literatura, inclusive a sistemática, deve se adequar ao objeto de pesquisa, ao seu tema, ao seu marco teórico e ao próprio campo de conhecimento no qual o trabalho se insere. Deste modo, não há apenas um modelo específico ou padrão de revisão de literatura, pois foram desenvolvidos diversos modelos a fim de ter essa adequação. Grant e Booth (2009) elencaram 14 modelos ou denominações de revisão em um levantamento e descrição dos mesmos. Cada revisão possui um objetivo distinto, como também diferentes estratégias, procedimentos de busca e critérios de relevância. Os modelos e denominações levantadas são as seguintes: revisão crítica, revisão de literatura, revisão de mapeamento ou mapeamento sistemático, meta-análise, estudos mistos de revisão, visão geral, revisão sistemática qualitativa, síntese qualitativa de evidências, revisão rápida, revisão de escopo, análise do estado da arte, revisão sistemática, revisão sistematizada e revisão de amplo escopo (guarda-chuva).

Os estudos de revisão sistemática de conformidade com protocolos são amplamente utilizados na área de saúde em pesquisa com metodologia quantitativa e, consequentemente, não são adequados ao campo da psicologia analítica (PA). Nesse, os trabalhos de pesquisa são principalmente qualitativos e interpretativos; além do campo ser limitado em comparação aos demais (Serbena, 2013).

Deste modo, sugere-se que seja utilizado para revisão de literatura o estudo de mapeamento sistemático (Software Engineering Group & Department of Computer Science, 2007) ou revisão de escopo e, segundo denominação adotada aqui, mapeamento teórico. Esses são planejados para “fornecer uma ampla visão geral de uma área de pesquisa, para estabelecer se existem evidências de pesquisa sobre um tópico e fornecer uma indicação da quantidade de evidências (Software Engineering Group & Department of Computer Science, 2007, p. 44). Eles também podem fornecer um amplo panorama da área temática pesquisada nesta revisão.

Segundo Software Engineering Group & Department of Computer Science (2007), os estudos de mapeamento teórico possuem perguntas mais amplas, os termos de pesquisa são mais genéricos e o processo de coleta de dados ou textos também possui uma maior extensão do que os estudos de revisão sistemática. Nessa, por sua vez, os processos de

análise são aprofundados ao nível de meta-análise e síntese narrativa, e os estudos de mapeamento procuram sintetizar os dados de modo a responder as questões de pesquisa. Deste modo, o modelo do mapeamento teórico se adequa mais ao campo da PA.

CAMPO E CONTEXTO DE PESQUISA DA PA

No início da sua carreira na psiquiatria Jung foi um pesquisador da academia, porém, a PA se afastou da pesquisa acadêmica e privilegiou a clínica. Nas últimas décadas ocorreu um retorno dela ao campo da pesquisa acadêmica, do qual emergem reflexões e obras com abordagem de diversos tópicos contemporâneos em pesquisa (por exemplo, Sawin & Cambray, 2021) e abordagem da subjetividade do pesquisador (por exemplo, Romanyshyn, 2013).

Motta (2005) coloca que os três pioneiros para o estabelecimento da PA no Brasil são Nise da Silveira, Pethö Sándor e Leon Bonaventure. A psiquiatra Nise da Silveira, em 1946, funda a Seção de Terapêutica Ocupacional de Engenho de Dentro no Rio de Janeiro, posteriormente entra em contato com C. G. Jung e suas idéias e desenvolve estudos e práticas no Rio de Janeiro a partir deste autor. Inclusive em 1952, institui o Museu de Imagens do Inconsciente com pinturas e esculturas dos pacientes que foram atendidos por ela e que ilustram os conceitos e princípios clínicos da PA. Já Pethö Sándor, médico ginecologista húngaro, torna-se docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) na década de 1960 com atuação dentro da PA; e Leon Bonaventure é relatado na literatura como a primeira pessoa a praticar análise junguiana clássica no Brasil.

No contexto brasileiro, Serbena (2013) realizou um levantamento sobre a produção de teses e dissertações em PA no Brasil entre 2003 e 2008 e encontrou 222 trabalhos, que representam cerca de 1% da produção acadêmica brasileira no campo da psicologia. Destes, 36,8% estão em programas de psicologia e 63,8% estão em programas de outras áreas. Das quais, as com maior interlocução com a teoria junguiana são *Letras e Artes*, *Teologia e Ciências da Religião*, *Educação* e *Comunicação*; evidencia-se assim o caráter interdisciplinar da PA.

Mais recentemente, Lima e Freitas (2023) realizaram um levantamento online sobre a PA no Brasil. Relatam que, entre os psicoterapeutas, a preferência na abordagem teórica é pela psicanálise (45%), embora a PA ocupe lugar relevante (15%) nesta escolha. A formação em PA é, principalmente, por meio da pós-graduação lato sensu: constatou-se a existência de 101 cursos. Nesses, salienta-se, o objetivo fundamental é de uma formação prática e não geração ou reflexão sobre o conhecimento. Embora mais exigente e demorado, este também é o objetivo principal da formação de analista junguiano nos institutos vinculados a International

Association of Analytical Psychology (IAAP) existentes no Brasil, sendo 12 em 10 diferentes estados. Segundo estes autores, foram formados aproximadamente 40.000 especialistas em PA nos últimos 20 anos. A isto se acrescenta uma formação não institucional muito significativa indicada, por exemplo, pela contagem, até 2022, de mais de 2438 grupos de estudo em temas da PA.

Estas características implicam que a produção e divulgação de conhecimento e saberes no campo da PA é disperso e ocorre principalmente em instituições e publicações fora da academia, isto é, em livros e revistas das instituições formadoras entre outras. Isto dificulta a seleção de fontes de pesquisa e a descrição ou o levantamento adequado do conhecimento presente no campo ou do seu estado de conhecimento.

ESTADO DE CONHECIMENTO E O CAMPO DA PA

No processo de produção de uma pesquisa, tese, dissertação ou monografia é fundamental descrever o estado de conhecimento do campo onde ela se insere. O *estado de conhecimento* pode ser definido como “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica” (Morosini & Fernandes, 2014, p. 155) que sendo bem elaborado pode facilitar a originalidade e novidade no trabalho científico. Ele pode ser sistematizado nas seguintes etapas:

escolha das fontes de produção científica (nacional e/ou internacional); seleção dos descritores de busca; organização do corpus de análise: leitura flutuante dos resumos apresentados nos bancos de dados; seleção dos primeiros achados na bibliografia anotada; identificação e seleção de fontes que constituirão a bibliografia sistematizada (Morosini et al., 2021, p. 73).

Deste modo, há uma ampla varredura inicial por meio da leitura flutuante que elenca muitos textos e produções de múltiplas fontes e diversos formatos. Posteriormente ocorre uma identificação e seleção, constituindo uma sistematização inicial da bibliografia através de uma leitura aprofundada destes textos selecionados; os quais constituirão o corpus da análise propriamente dita.

A próxima etapa é a análise e a categorização da *bibliografia sistematizada*, denominada por Morosini et al. (2021) como bibliografia categorizada. Ela consiste no “reagrupamento em uma tabela da bibliografia sistematizada, segundo blocos temáticos que representam as categorias” (p. 74).

Estas categorias podem emergir ou serem constituídas a partir da própria bibliografia sistematizada; determinadas a priori, ou a partir dos objetivos e marco teórico da pesquisa.

Ou ainda serem híbridas: derivadas da dialética entre as categorias definidas a priori e as categorias que emergem do material empírico.

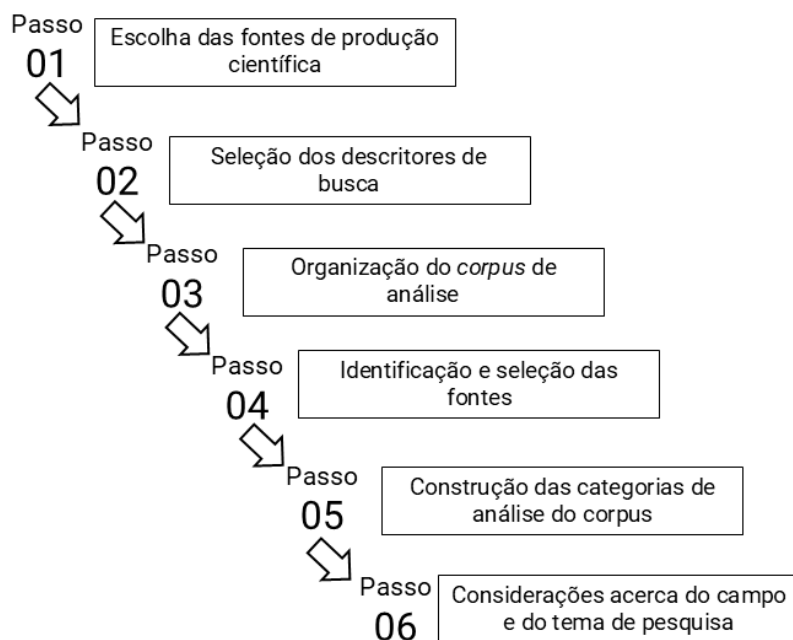
Esta sequência que conforma um fluxo deste processo pode ser sintetizada em 05 etapas (Morosini et al., 2021, p. 71); e é ilustrada na Figura 2.

A sequência da Figura 2 pode ser utilizada e adaptada para diversos contextos de pesquisa, para diferentes etapas no processo de produção do conhecimento e de especificação do objeto ou tema de pesquisa; parte do mais amplo e geral em direção ao mais específico e particular.

Observa-se que nas ciências da saúde ou naturais, onde há produção de saber em universidades e institutos de

pesquisa, há divulgação principalmente por meio de artigos em periódicos científicos. De forma distinta, na PA a produção de conhecimento ocorre para além das universidades, também de forma autoral na reflexão clínica e nos institutos de formação. A publicização desta produção é realizada, então, principalmente por meio de publicação em livros e estreita correlação com os poucos periódicos da área. O *Journal of Analytical Psychology* é o principal periódico da área, sendo publicado na língua inglesa e suportado pela Society of Analytical Psychology de Londres. Na língua portuguesa, destacam-se as revistas *Junguiana* e *Cadernos Junguianos*, publicação anual da Associação Junguiana do Brasil.

Figura 2. Fluxo do processo constitutivo do estado do conhecimento



Nota. Retirada de Morosini et al. (2021, p.3).

Deste modo, há poucos temas específicos em PA e, consequentemente, a revisão bibliográfica se estrutura de forma mais próxima a um levantamento de temas. Assim, torna-se mais adequado um mapeamento sistemático (MS) e não uma revisão sistemática (RS), pois “as MSs envolvem mais trabalhos, a serem analisados mais superficialmente, enquanto RSs envolvem menos trabalhos, mas que devem ser analisados com maior profundidade” (Falbo, 2018, p. 2). Entretanto, dada a característica do campo acadêmico da PA, onde há poucos periódicos especializados e grande parte da produção de conhecimento é divulgada em livros, a sistematização e os protocolos de busca e seleção da RS e

MS não são adequados; exigem-se adequações para a produção de um relato suficientemente robusto e significativo do estado de conhecimento da temática ou objetivo pesquisado.

A partir deste contexto de conhecimento no campo da PA pode-se propõem características para a realização do mapeamento teórico ou revisão de escopo. As fontes para a constituição do corpus são mais amplas do que os artigos em periódicos, dada as características do campo. Além dos artigos em periódicos, deve-se incluir livros publicados, tese e dissertações. Neste sentido, as estratégias de pesquisa incluem em uma primeira etapa de *varredura*: (i) pesquisas

nas bases de dados online com diferentes termos, (ii) utilização de mecanismos de busca mais amplos tais como o Google e o Google Acadêmico, (iii) bases de dados de teses e dissertações, especialmente da CAPES, (iv) consulta às teses e dissertações das universidades com programas de pós-graduação que contemplem linhas de pesquisa em psicologia analítica. No Brasil notadamente a PUC-SP, e no âmbito internacional o *Pacific Graduate Institute* (USA), a Universidade de Essex (UK) e *Duquesne University* (USA).

Entretanto, os unitermos, descritores ou palavras-chave cadastrados nas diferentes produções são muitas vezes de caráter amplo e, deste modo, a temática de pesquisa pode não estar coberta ou ser alcançada pelos unitermos cadastrados. Deste modo, esta primeira etapa deve ser completada por outras estratégias. A mais comum, e sempre citada, é a solicitação a especialistas da área sobre textos e referências desta temática.

Outra, muito utilizada, é a consulta nas referências dos textos selecionados na primeira etapa de varredura. Normalmente, alguns textos selecionados são significativos e relevantes para a temática de pesquisa. Deste modo, as suas fontes, que são suas referências bibliográficas, também trazem informações, dados, textos e outros elementos significativos para a pesquisa que devem ser acrescentados ao corpus do mapeamento.

Uma característica fundamental da PA é que ela emerge em sua configuração atual fundamentalmente a partir da extensa obra de C. G. Jung. Nestas obras, encontramos os principais temas, abordagens, conceitos teóricos e indicações que serão desenvolvidos posteriormente na PA. Assim, é fundamental que esta etapa de varredura pesquise nas obras de C. G. Jung a presença, desenvolvimento da temática e objeto pesquisado ou a ele diretamente relacionado. Para isto, ao final de cada volume, pode-se consultar o índice onomástico e o índice analítico. O agregado deles compõe o volume XX nas obras completas ou coletadas de C. G. Jung. Outro modo é a pesquisa por termos nas obras de C. G. Jung no formato digital e/ou disponível online.

Este levantamento inicial das referências sobre um determinado tema ou objeto de estudo com uma metodologia de varredura aproxima-se da revisão narrativa de bibliografia. A revisão narrativa, segundo Rother (2007), possui uma questão ampla de pesquisa, não necessariamente critérios claros ou especificados para a escolha das fontes de pesquisa; e o mesmo ocorre no tocante a seleção dos textos ou dados. Deste modo, sujeita a vieses, a avaliação da pertinência e da qualidade dos textos e dados é subjetiva e variável; sendo sua síntese qualitativa e essencialmente textual.

Observa-se que, apesar desta forma de revisão ou etapa inicial de um processo de pesquisa apresentar lacunas, vieses e déficits em relação ao rigor do conhecimento

científico, ela ainda possui o mérito de realizar uma síntese de informações e conhecimentos; porque apresenta um panorama preliminar do campo, uma espécie de esboço ou mapa do mesmo.

Uma síntese e informações mais robustas são obtidas nas etapas seguintes quando os textos e informações são categorizados, analisados, comparados e sintetizados. Assim se adquire um mapeamento teórico com características de sistematização, organização e síntese geral; traçando então um retrato amplo e mais robusto da temática ou objeto de estudo. Apesar disto, normalmente os trabalhos de pesquisa possuem um objetivo que implica uma temática, conceitos teóricos e objetos mais delimitados e circunscritos. Isto pode ser contemplado pela elaboração da revisão integrativa que proporciona uma síntese do conhecimento e sua aplicabilidade. Dado que ela possui um caráter amplo, sugere-se incluir estudos quantitativos e qualitativos para uma compreensão integral da temática ou objeto de estudo. A revisão integrativa “Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular” (Souza et al., 2010, p. 103).

Deste modo, havendo necessidade de uma maior delimitação e especificidade no processo de pesquisa, uma estratégia baseada na revisão integrativa pode ser realizada em um segundo estágio para a continuidade da pesquisa e da revisão teórica. Salienta-se que a revisão integrativa é estruturada para o campo da saúde e abordagens quantitativas, mas pode ser adaptada ao contexto da pesquisa em PA, em sequência ao mapeamento teórico.

Ela possui similaridades com o mapeamento, com uma sequência de fases ou etapas semelhantes, elencadas por Souza et al. (2010). A saber, (i) elaboração da pergunta norteadora, (ii) busca ou amostragem na literatura, (iii) coleta de dados, (iv) análise crítica dos estudos selecionados, (v) discussão dos resultados e (vi) apresentação da revisão integrativa.

A diferença nesta proposta de aplicação em pesquisas no campo da PA é que ela seria um segundo estágio da pesquisa, após o mapeamento teórico. Neste sentido, na revisão em PA ocorre a elaboração de uma nova pergunta norteadora que corresponde a delimitação e especificidade do tema e objeto de pesquisa. O campo de busca ou amostragem agora são inicialmente os resultados do mapeamento teórico, com um acréscimo posterior a partir destes resultados. As demais etapas de análise crítica, discussão e elaboração e a apresentação da síntese na forma da revisão integrativa são equivalentes.

Observa-se que estamos caracterizando esta segunda etapa como revisão integrativa, mas, devido as especificidades do campo da PA, estas denominações são sempre aproximadas e poderíamos corresponder esta etapa

com a revisão denominada de *metassíntese* por Cavalcante e Oliveira (2020). Segundo estes autores, esta “permite uma síntese interpretativa e crítica de estudos qualitativos. Valora-se tanto a arquitetura final dos resultados quanto o processo sistemático da pesquisa. Permite a demarcação de tempo e lugar do material analisado” (p. 97).

PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO DO MAPEAMENTO TEÓRICO EM PA

No campo das psicodinâmicas (psicologias do inconsciente) o pensamento de C. G. Jung ocupa um lugar duplo. Por um lado, desenvolve o teste de associação de palavras, a teoria dos tipos e configura uma reflexão psicológica sobre a religião; por outro lado, trafega e ultrapassa os limites e temas considerados adequados para a ciência do século XX, tais como a alquimia, sincronicidade e mitos (Tacey, 2007). Consequentemente, alguns autores que defendem uma transformação radical no saber (Capra, 2012) localizam o pensamento junguiano como integrante desta transformação. De certa forma, ele se encontra na transição entre os saberes e a PA, e como uma derivação do pensamento junguiano, mostra ou indica as transformações no pensamento entre estas duas épocas: a da emergência da psicologia do inconsciente e a época contemporânea.

Além disso, houve profundas transformações na sociedade e no conhecimento durante a vida de C. G. Jung, contestando e problematizando a compreensão do saber, da sociedade, do mundo e do próprio sujeito. As transformações continuaram ocorrendo e até se tornaram mais aceleradas nestas décadas iniciais do século XXI, com evidentes impactos na PA, que também se transformou.

Consequentemente, observa-se uma pluralidade de modelos e temas na obra junguiana e no próprio campo da PA. Isto denota uma heterogeneidade no campo, apesar dele normalmente ser considerado homogêneo e, muitas vezes, estático em seus conceitos e compreensão da psique. Por isso, é fundamental no processo de pesquisa uma etapa de revisão de conceitos, publicações e temáticas obtido pela revisão bibliográfica.

Entretanto, as metodologias e protocolos de revisão bibliográfica são formatados para um contexto de publicação acadêmica e de pesquisa, principalmente em periódicos. Isto não ocorre com a PA, a qual possui certas especificidades tais como um direcionamento para a prática clínica, publicação principalmente em livros e pouca presença na academia. Deste modo, ocorre a necessidade de pensar formas e estratégias adequadas ao campo da PA como efetuado neste trabalho.

Foi proposta, como procedimento inicial, uma estratégia ou procedimento de revisão bibliográfica ou de construção do estado de conhecimento em duas etapas. A primeira etapa correspondendo, aproximadamente, a uma revisão de escopo

ou mapeamento teórico da temática de pesquisa no campo da PA. Na qual realiza-se uma espécie de varredura em diferentes formas de publicação e fontes tais como livros, periódicos, teses e monografias dos institutos de formação em PA. Este processo deve ser estruturado com critérios e procedimentos, mas não possui o rigor de uma sistematização devido as características do campo. Obviamente, deve incluir as obras publicadas de C. G. Jung com sua devida contextualização histórica. Sugere-se os seguintes passos para o mesmo: (i) pergunta norteadora, (ii) busca na literatura ampla, (iii) coleta e seleção, (iv) análise crítica, (v) discussão e (vi) integração ou descrição do mapeamento.

Isto permite, segundo Rother (2007), obter rapidamente uma visão atual sobre a temática no campo e, deste modo, situar a compreensão do fenômeno ou objeto de pesquisa no campo da PA.

Na sequência, um segundo passo seria então proceder à seleção e aprofundamento dos conceitos e de uma determinada perspectiva ou modelo da PA para a pesquisa. Em termos aproximados, esta se assemelha parcialmente aos modelos de revisão integrativa, estado da arte e revisão sistemática (Grant & Booth, 2009); uma vez que analisa e sintetiza evidências e teorias no campo e aquela procura explicitar as questões atuais no campo e prementes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento ou compreensão de C. G. Jung sobre a psique se modifica ao longo de sua obra. Emergem diferentes modelos ou perspectivas sobre a psique a partir dos estudos, reflexões, experiências pessoais e prática clínica de Jung. Ele se definia não como um místico ou religioso, mas como um cientista empírico que abordou a psique e alma em sua inteireza.

O pensamento reflexivo e crítico da ciência é essencial para qualquer campo de saber e do conhecimento, apesar de muitas vezes não abarcar todo o alcance do campo. Ele é especialmente valioso no pensamento das teorias psicodinâmicas que abarcam a noção do inconsciente, cujo modelo é a psicanálise, onde muitas vezes há a concepção de que “o saber psicanalítico é adquirido na prática, como um conhecimento extra teórico. Isto pode ser verdadeiro num sentido existencial, mas é um evidente contrassenso na perspectiva teórica” (Serbena & Raffaelli, 2003, p. 34). Tacey (2007) relata que M. Von Franz considerava que ensinar Jung na universidade era algo apenas racional e cerebral; e, portanto, não abordava o aspecto essencial da obra de Jung que é o processo emocional e vivencial da numinosidade e tensão dinâmica dos símbolos e arquétipos da psique. Isto levou alguns analistas a indicarem que seria melhor não ensinar a obra junguiana na universidade.

Outro empecilho seria a força da imagem de Jung, a potência e amplitude de sua obra e personalidade que podem incitar uma espécie de imitação e "culto a Jung". De maneira paradoxal, isso dificulta e impede a realização primordial da obra junguiana que seria a individuação. Decorre do fato de que o "processo de individuação, devido à sua natureza, encontra as mais obstinadas resistências, sendo mais fácil substituí-lo por uma idolatria ou imitatio Jung." (Barreto, 1996, p. 407). O próprio Jung (1985) coloca ressalvas ao pensamento acadêmico ou científico escrevendo que "as universidades não são mais fonte de conhecimentos. As pessoas estão cansadas da especialização científica e do intelectualismo racional" (Jung, 1985, p. 38), relatando que o pensamento acadêmico ou científico perdeu a conexão vital.

Esta concepção relata apenas uma perspectiva parcial da relação entre a PA e a ciência, desconsidera a pluralidade, a diversidade da ciência e do pensamento acadêmico contemporâneo e dos próprios problemas do campo junguiano. Samuels (2004) relata as projeções mútuas de preconceitos entre os acadêmicos e os analistas junguianos, indicando que uma aliança e diálogo entre a reflexão acadêmica e o campo junguiano poderia gerar um conhecimento, saber ou verdade psicológica que "não limite, mas amplie; que não obscureça, mas ilumine; que não escorra como água, mas que penetre até os ossos" (Jung, 1985, p. 38).

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

O autor declara não ter conflitos de interesse relacionados ao conteúdo deste texto.

REFERÊNCIAS

- Barreto, M. H. (1996). Observações a respeito de "O culto de Jung", de Richard Noll. *Síntese: Revista de Filosofia*, 23(74).
<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/984>
- Capra, F. (2012). *O ponto de mutação*. Cultrix.
- Cavalcante, L. T. C., & Oliveira, A. A. S. D. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, 26(1), 83–102.
<https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>
- Falbo, R. A. (2018). *Mapeamento sistemático*. Universidade Federal do Espírito Santo.
<http://claudiaboeres.pbworks.com/w/file/fetch/133747116/Mapeamento%20Sistem%C3%A1tico%20v1.0.pdf>
- Grant, M. J., & Booth, A. (2009). A typology of reviews: An analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, 26(2), 91–108.
<https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>
- Jung, C. G. (1985). *O espírito na arte e na ciência*. Vozes.
- Software Engineering Group & Department of Computer Science (2007). *Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering* (EBSE Technical Report, version 2.3). Keele University & University of Durham.
https://legacyfileshare.elsevier.com/promis_misc/525444/systematicreviewsguide.pdf
- Lima, J. A. R. de, & Freitas, D. S. de. (2023). A diáspora da psicologia analítica no Brasil. In P. G. Neto, C. R. dos Santos, & L. R. Pacheco (Orgs.), *A psicologia analítica no Brasil: Reflexões contemporâneas, campo teórico, clínico e epistemológico* (pp. 25–47). Editora Vieira.
- Morosini, M. C., & Fernandes, C. M. B. (2014). Estado do Conhecimento: Conceitos, finalidades e interlocuções. *Educação por Escrito*, 5(2), 154–164.
<https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.18875>
- Morosini, M., Nascimento, L. M. do, & Nez, E. de. (2021). Estado de conhecimento: A metodologia na prática. *Humanidades & Inovação*, 8(55), 69–81.
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4946/3336>
- Motta, A. A. da. (2005). *Psicologia analítica no Brasil: Contribuições para a sua história* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP.
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17220>
- Nassi-Calò, L. (2016, 24 de agosto). Teses e dissertações: Prós e contras dos formatos tradicional e alternativo. SciELO em Perspectiva.
<https://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/>
- Padua, E. S. P. D., & Serbena, C. A. (2018). Reflexões teóricas sobre a psicologia analítica. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, 38(94), 123–130.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100012
- Penna, E. M. D. (2005). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 16(3), 71–94.
<https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>
- Penna, E. M. D. (2007). Pesquisa em psicologia analítica: Reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. *Boletim de Psicologia*, 57(127), 127–138.
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v57n127/v57n127a02.pdf>
- Penna, E. M. D. (2024). *Epistemologia e método na obra de C. G. Jung*. EDUC (Editora da PUC-SP).
- Praça, F. S. G. (2015). Metodologia da pesquisa científica: Organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. *Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos*, 8(1), 72–87.
<https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170627112856.pdf>
- Romanyshyn, R. D. (2013). *The Wounded Researcher: Research with the soul in mind*. Spring Journal Books.

- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa [Editorial]. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Samuels, A. (2004). *Post-Jungian criticism: Theory and practice*. State University of New York Press.
- Sawin, L., & Cambray, J. (2021). *Pesquisa em psicologia analítica: Aplicações a partir da pesquisa científica, histórica e cultural*. Vozes.
- Serbena, C. (2013, 27–30 de novembro). *Interdisciplinariedade e produção acadêmica em psicologia analítica no Brasil de 2003 a 2008* [Comunicação científica]. V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur, Facultad de Psicología-Universidad de Buenos Aires. <https://www.aacademica.org/000-054/105>
- Serbena, C. A., & Raffaelli, R. (2003). Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. *Psicologia em Estudo*, 8(1), 31–37. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000100005>
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da psicologia moderna: O sonho de uma ciência* (M. S. Mourão Netto, Trad.). Idéias & Letras. (Trabalho original publicado em 2003).
- Souza, M. T. D., Silva, M. D. da, & Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein*, 8, 102–106. <https://dx.doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
- Tacey, D. (2007). The challenge of teaching Jung in the university. In A. Casement (Ed.), *Who owns Jung?* (pp. 53–73). Karnac Books.
- Vechi, L. G. (2018). A hermenêutica junguiana em estudo: Aplicações possíveis na pesquisa qualitativa em Psicologia. *Revista de Psicologia*, 9(2), 21–30. <https://www.redalyc.org/pdf/7021/702176889003.pdf>
- Wahba, L. L. (2019). A criação de sensibilidades: Epistemologia e método na psicologia analítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3548. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3548>

Data de submissão: 02/10/2024
Primeira decisão editoria em: 22/10/2025
Aceito em: 13/12/2025